

Perdidos no Tempo

Walter Longo

Dizem que ser otimista é uma qualidade nata do brasileiro. Onde muitos vêm temporal e furacão no horizonte, os nascidos aqui enxergam céu de brigadeiro e motivo para sair sambando em celebração coletiva. Tem sido assim através dos tempos, e parece que os anos de crise e inflação não foram suficientes para alterar os ânimos ou modificar comportamentos. Trata-se de um povo pacífico, esperançoso e crédulo.

Talvez isso explique a aparente aceitação tácita e conformada com que o mercado vem aguardando pacientemente, há seis anos, que o governo inicie a abertura de novas concessões de TV por Assinatura anunciada para breve. Afinal, já merecemos figurar no Guinness Book, o Livro dos Records. Estamos celebrando o sexto aniversário de jejum licitatório, e desde 1991 que ninguém recebe autorização para implantar um sistema de TV a Cabo no país. A Argentina possui mais de 2 mil operadoras e os EUA cerca de 6 mil. No Brasil não chega a 100, e assim mesmo reunidas nas mãos de poucos, muito poucos.

É bem verdade que outra característica do brasileiro é o furor regulatório, o excesso de normas e regras que inviabilizam qualquer negócio antes mesmo de começar. Mas desta vez exageraram, e perdemos uma enorme oportunidade que infelizmente não volta mais. Uns põe a culpa no Congresso, que passou três anos discutindo a Lei do Cabo enquanto o mundo inteiro avançava desenvolvendo tecnologias inéditas e autorizando o surgimento de milhares de novas operações. Esquerda e ultra-direita reuniram-se num pacto silencioso e inesperado fazendo todo o esforço possível para que nada saísse do lugar.

Outros condenam o MiniCom, que por falta de vontade política, ou por política de fazer a vontade da mídia convencional, jamais deu a importância devida ao assunto.

Muitos ainda acreditam que a verdadeira causa da demora foi o interesse dos atuais detentores de licenças em evitar concorrência até que estivessem num avançado estágio de implantação de seus sistemas. O tempo joga a favor deles, inviabilizando assim a competição saudável contida no espírito da lei que regula a matéria.

É difícil dizer quem está com a razão. Independente das causas, porém, devemos analisar os efeitos. Estes sim merecem reflexão pela magnitude das perdas e desperdício das oportunidades.

Na primeira metade da década de 90, os principais operadores de Pay-TV do mundo estavam excitados com a perspectiva de desembarcar no Brasil e investir maciçamente na infraestrutura de um sistema híbrido e avançado de TV por Assinatura. O mercado americano estava maduro, sem perspectivas de crescimento, e todas as atenções estavam voltadas para o exterior.

Na época, o Leste Europeu se apresentava como desagradável surpresa e a Ásia continuava uma incógnita. A América Latina parecia ser o destino certo. Naquela oportunidade, todos os talentos e recursos internacionais estavam disponíveis, embalados para viagem e prontos para embarcar.

Enquanto isso, o Brasil se negava a apressar o passo, e deixava o assunto se esvaír entre a Comissão do Congresso e a omissão do Ministério. A abordagem "let it be" dos organismos regulatórios acabou unindo-se à postura jurássica de nossos legisladores.

Na Argentina, só a TCI, uma das maiores operadoras de Cabo dos EUA, investiu US\$750 milhões. Outro bilhão de dólares se espalhou por países vizinhos na mão de investidores institucionais e financeiros, gerando emprego, modernizando sistemas e melhorando a vida de seus habitantes.

Hoje, porém, a história é outra. Os EUA implantaram um processo de desregulamentação, acirrou a concorrência interna, e forçou os grandes players a se voltarem novamente para o mercado americano, numa estratégia emergencial de defender território e ampliar oportunidades.

Agora o Brasil está pronto, mas a oportunidade maior já passou. Perdemos cerca de US\$3 bilhões de investimentos que ajudariam a gerar empregos, reduzir o atraso tecnológico, ampliar o mercado para a produção cultural nacional e reduzir o modelo concentrador de nossa mídia.

Antes tínhamos o mercado interessado mas faltava a lei. Agora temos a lei mas os grandes operadores internacionais tem mais com o que se preocupar. O tempo perdido trouxe a oportunidade perdida. E essa não volta mais.

É verdade que ainda tem muita gente interessada em participar desse promissor negócio. Perdemos muito, mas não perdemos tudo. Por isso devemos estar felizes e otimistas com a determinação demonstrada por este Governo na abertura de novas concessões, apesar de frustrados pela timing inadequado em que isso acontece. Antes tarde do que nunca. Essa parece ser a nossa única consolação.